

## A DILUIÇÃO NA NARRATIVA

Fabício Marques de Oliveira

Os Kamikazes do asfalto esperavam tranquilamente atrás do caminhão na Avenida Independência. Ninguém sabe quem cunhou a expressão desses garotos, cuja diversão consistia em ficar sempre atrás do caminhão que parava todas as noites em frente à Galeria Alasca, uma das muitas existentes na avenida. Os olhos fechados, colocavam também tampões nos ouvidos para nunca saber quando viria um carro. Da experiência de ficar observando-os por três meses, apreende-se o método da brincadeira: a partir de um rompante, de uma coragem absurda, atravessavam correndo a Avenida Independência. Ou morte.

Quem contou a história com todos os fatos foi o Geraldinho da Bateria, que trabalhava comigo no jornal. Estávamos na sala de redação, que era também a sala da chefia, a sala de reuniões e a sala de tudo. Geraldinho da Bateria acrescentou que os Kamikazes eram um grupo de mais ou menos vinte meninos que se mantinha sempre com a mesma quantidade, tendo em vista que se diminuía nos enfrentamentos com os carros, logo surgiam outros kamikazes, curiosos em viver aquela situação, que restauravam o número anterior.

O Geraldinho da Bateria tinha que cobrir a viagem do prefeito para a capital, por isso sugeriu ao Sr. S. que o Pedro fizesse a matéria sobre os desvairados.

-Não, Geraldo. O Tino faz os Kamikazes. Preciso do Pedro para entrevistar o Orlando Gantini.

Eu era o Pedro e fiquei puto com o Sr. S., porque ele sabia que eu detestava entrevistar escritores, ainda por cima escritores velhos e famosos. Além disso, tinha me interessado bastante

pela história do Geraldinho da Bateria. Mas não adiantava contestar o Sr. S., s de Salomão. Saímos os dois, eu e Geraldinho. Entre nós, tratávamos o Sr. S. de "o filhadaputa do Senhor Salomão". Quando estávamos na escada, ele gritou para mim:

-Não esqueça de perguntar sobre a diluição na narrativa!

O filhadaputa do Senhor Salomão ainda queria que escarafunchasse a filhadaputa da diluição da filhadaputa da narrativa. Despedi-me de Geraldo com as costumeiras reclamações. Parti para o apartamento do escritor velho e famoso, Orlando Gantini.

Por coincidência, sincronicidade ou convenção narrativa, o apartamento de Orlando Gantini era na Avenida Independência. Deixei meu carro em frente ao prédio do escritor. O elevador subiu os 14 andares (era um apartamento por andar). Parei na porta e toquei a campainha. O próprio escritor abriu a porta, e, mirando-me de alto a baixo, falou:

-Meu caro, desculpe-me, mas não posso atendê-lo agora. Sei que a entrevista estava marcada há semanas, mas surgiu um imprevisto. Devo levar os trâmites de um processo ao fórum.

No fundo, acho que fiquei contente de não entrevistar Orlando Gantini, mas no fundo do fundo uma pequena decepção aflorou em meu rosto, mas não sei se o velho e famoso escritor percebeu. Fechou a porta do apartamento e dirigiu-se, comigo, para o elevador.

Demorou um bom tempo até que o elevador chegasse. Eles, os elevadores, nunca passam ou param quando precisamos, 14. Afinal, a luz se acende, acima da porta. Ouvimos o sinal e a porta se abre. 13, 12, afinal, estamos descendo. Pra baixo todo santo ajuda, costuma dizer, respaldada pela maioria silenciosa, uma senhora de respeito, por acaso minha avó. 11, 10, Orlando Gantini tira um recorte de jornal do bolso e lê para mim:

-Veja você, meu caro, "em São Paulo, os bombeiros desceram a profundidade de três metros para tirar de um poço (9,8), no bairro do Morumbi, o menino Thiago, um ano e oito meses.

A operação foi demorada e manteve a cidade tensa, mas Thiago (7,6) nada sofreu”. Tenho ouvido e lido notícias como esta com muita frequência.

-Vai ver que desde cedo, desde crianças, tenhamos vocação para o abismo.

Falo mecanicamente, enquanto Orlando Gantini tira, do outro bolso, um papel em branco e uma caneta (5,4,3), anotando a frase: “Nascemos abissal”.

-Bom, meu caro, muito bom.

2,1, Orlando Gantini continuará no elevador, pois descerá direto para a garagem, por isto se despede com um sorriso dos que se sabem velhos e famosos.

-Depois vocês do jornal me procurem, que marcaremos outra entrevista. Prometo que desta vez sai.

No carro, acelero de volta para a redação, 60, 80, puta-merda!, tudo acontece muito rápido, quando me dou conta, vejo dois garotos voando na frente do carro. Já parado, vejo o maior deles pousado num canteiro, na parte central da avenida, que divide as duas partes do asfalto. Tino, o encarregado de investigar os kamikazes, vinha correndo em minha direção. O outro garoto tinha caído bem em cima do vidro dianteiro do carro, a cara dele, ensanguentada, olhava direto pra minha cara, e, putamerda!, lembro que esqueci de perguntar para Orlando Gantini sobre a diluição na narrativa, mas agora é o sangue do garoto kamikaze que dilui-se sobre o vidro do carro, dentro das quatro paredes do elevador, no sorriso de Orlando Gantini, esparrama-se pela narrativa, incognoscível.